**Resumo: Comprehensive Longitudinal Study Challenges the Existence of Neonatal Imitation in Humans & Re-examination of Oostenbroek et al. (2016): evidence for neonatal imitation of tongue protrusion**

**Beatriz Felício**

Os dois textos, o de Oostenbroek et al.(2016) e o de Meltzoff, A. Murray, L. et al. (2017), debatem se há ou não imitação em neonatos. Oostenbroek e colegas fizeram um estudo longitudinal e teriam supostamente chegado à conclusão de que não há cópia por parte do infante dos estímulos apresentados a ele, inclusive do estímulo mais discutido na literatura, a protrusão da língua. O experimento testou 4 faixas etárias (1, 3, 6 e 9 semanas de vida) quanto à reação a estímulos, como abrir a boca e estender dedos, demonstrado pelo experimentador e comparou com a reação à estímulos controle, não encontrando resultados significativos. O texto chega a afirmar que, tendo em vista os resultados obtidos, as teorias mais proeminentes de imitação neonatal deveriam ser modificadas ou completamente abandonadas.

Já o texto de Meltzoff e Murray criticam diretamente este estudo de Oostenbroek, como mostra o próprio título. Primeiramente, se a conclusão é de que não há uma combinação entre o comportamento do demonstrador com o do bebê, o trabalho em questão refutaria a existência de diversos outros mecanismos, não só a imitação, em neonatos. Os autores indicam 11 falhas de metodologia no trabalho de Oostenbroek e colegas, como o excesso de estímulos apresentados aos bebês, e refazem a análise de dados com os dados brutos fornecidos. A crítica indica que o trabalho que duvida da existência da imitação neonatal ignora uma série de recomendações deste campo de estudo para a realização dos experimentos (e.g. os intervalos de tempo oferecidos aos neonatos para responder aos estímulos) e essas diferenças metodológicas podem levar os resultados a falsos negativos, assim como algumas escolhas para a análise de dados eram questionáveis. Ao fim da nova análise, Meltzoff e Murray concluem que, na verdade, os dados de Oostenbroek e colegas corroboram a hipótese da imitação.

**Questões: The development of imitation in infancy**

“*It is vital to the imitation interpretation that the same infants selectively match two different behaviours in a single experiment, as an increase in only one behaviour might just reflect an increase in the infant’s arousal*.”

**Questão 1:** Mesmo com o exemplo que vem depois, não entendi como isso é uma regra. Porque a excitação só se manifestaria em um comportamento e, se forem dois, aí não é excitação? Isso inclusive serve de argumento no texto do resumo escrito por Meltzoff e Murray a respeito do trabalho de Oostenbroek que encontrou o efeito em mais de um estímulo.

“*The monkey infants were shown human models of mouth opening, lip smacking, tongue protruding, hand opening and eye opening*.”

**Questão 2:** Qual a justificativa para usar modelo humano com chimpanzés? É melhor do que usar fotos dos displays faciais imagino. E entendo que em situações naturais você não pode isolar só o efeito do display, excluindo outros estímulos. Mas ainda acho que o modelo humano oferece resultados questionáveis, talvez dê menos falsos positivos do que negativos. Então quando um resultado dá “o chimpanzé não consegue”, talvez ele consiga, mas se for “o chimpanzé consegue”, então você poderia supor que com indivíduos co-específicos ele também conseguiria.

**Questão 3:** Eu ainda não entendi qual é a relação entre imitação e entender a intenção dos outros. Eu tinha entendido até hoje que imitação é a cópia deliberada de todos os gestos observados sejam eles inúteis ou úteis, sem ou com propósito. Tanto que vários dos experimentos citados no texto não pareciam ter testado ações com algum propósito específico, ao menos foi o que me pareceu. Uma das bases parece ser os neurônios espelho, pois a ativação dos neurônios-espelho não ocorre se o indivíduo não entender uma ação como proposital ou qual seu propósito, portanto haveria aí um entendimento da mente do indivíduo observado, mas qual é a correlação disso com a imitação? Por mais que os neurônios-espelho possam em tese explicar a imitação neonatal como algo inato, me parece uma conclusão precipitada. Principalmente porque, como diz o texto, entender estados mentais alheios não me parece algo que um recém-nascido possa estabelecer com tanta clareza.

**Questão 4:** Outra dúvida que me surgiu ao ler os 3 textos é que apesar deste texto ser de 2009, no debate entre os dois textos do resumo os argumentos levantados por Jones não parecem ter sido sanados ou ao menos não são debatidos mais. Talvez eles já tenham sido superados, ficou para mim um incômodo sobre a falta de resposta dos autores Meltzoff e Murray que são amplamente citados no texto de Jones como defensores da imitação neonatal.